

VIDA E MORTE: UMA EDUCAÇÃO PARA A LONGEVIDADE

Celia Maria de Souza Sanches Vieira¹

Resumo. O objetivo deste trabalho é articular a historicidade do envelhecimento, enfatizando principalmente a finitude do ser humano, demonstrando a naturalidade desta etapa final da vida, que amedronta e causa pânico na maioria das pessoas. É proposta neste trabalho uma educação com atividade contínua ao longo da vida, proporcionando uma atualização cultural e uma melhor compreensão do mundo em que se vive, aprendendo a se preparar para a finitude. A morte é um processo que se pode comparar com momentos como amar, viver e sonhar, só que a conjugação do verbo morrer representa o fechar do livro, da história que você viveu, às vezes linda e cheia de contos vividos, alguns opacos, tristes, outros alegres. Porém é você quem constrói e reconstrói a história de sua vida para ser contada e lembrada após sua morte. A pesquisa bibliográfica pontua a historicidade do ser humano e as aquisições de perdas significativas e contínuas, favorecendo uma reflexão sobre o ponto final da existência humana. A proposta é colaborar com o saber envelhecer e ressaltar que viver é uma forma de transformação; contudo, a existência da morte é sempre decisiva para nossa compreensão e nossa grande admiração pela vida.

Palavras-chave: Educação. Vida. Morte. Longevidade.

¹ Coordenadora Pedagógica da Universidade Aberta da Terceira Idade/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UnATI/UERJ, Gerontóloga – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG, Mestra em Ciências Pedagógicas - Instituto Superior de Estudos Pedagógicos - ISEP, *E-mail:* sanches_celia@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A expectativa de vida do ser humano cresceu com o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural. As descobertas e o progresso na medicina, a higienização pessoal e alimentar permitiram uma existência mais longa e saudável do indivíduo. Isso é uma realidade atual, amanhã será histórica.

O sujeito na pós-modernidade não tem uma identidade fixa e permanente; ele sofre uma transformação constante. Nascemos, crescemos, procriamos, temos narrativas históricas no decorrer de nosso desenvolvimento até a morte. Não existe uma história cômoda da identidade, do nascimento até a velhice, chegando finalmente ao término de existência. Quando a identidade muda, sofre um processo que poderá ser de sucesso e, também, de perdas; não é uma mudança automática, tem o seu tempo de transformação.

A extensão da vida traz novas responsabilidades sociais, culturais e educacionais, proporcionando mudanças sobre o entendimento da condição humana diante do envelhecimento da população, construindo, de forma significativa, diversificadas oportunidades institucionais. Aposentadoria, educação permanente, habitação, saúde, lazer são fatores de qualidade para esta clientela.

Para Both (1999), no entanto, convém propor-se a aquisição de condutas que gerem conhecimentos, atitude e capacidade de autonomia na aprendizagem. O objetivo educacional reside em pôr em relevância a preservação e o aperfeiçoamento da vida nas suas funções biopsicossociais com vistas a qualificá-la in-

tensiva e extensivamente durante todo seu ciclo.

Este processo natural, dinâmico, progressivo e irreversível instala-se em cada ser humano desde o seu nascimento, e o acompanha ao longo da vida, culminando com a morte. O ser humano envelhece ou se aproxima da morte logo após o nascimento. A gerontologia moderna compreende o significado da morte como fato comum e normal. A questão é a necessidade de observar onde está a grande ênfase: na vida ou na morte.

Segundo Jung (apud KOVÁCS, 2008, p. 9),

temos vinte anos para nos prepararmos para a vida, deveríamos ter o mesmo tempo para nos prepararmos para a morte. Pode-se preparar para morte, vivendo intensamente em busca do seu significado.

Este significado de nos prepararmos para a finitude não é um sinal de loucura; é um momento de reflexão de cada etapa vivida, cada instante, cada mudança, e a sensação do imediato que a morte começa com o nosso fim, o nosso total e universal.

2 O RITUAL PARA A FINITUDE

O ritual se define como uma cerimônia em que gestos, palavras, objetos, emoções de poder místico homenageiam a divindade. Estas cerimônias são bastante diversificadas, e as religiões possuem ritos funerários encarregados de preparar e garantir a entrada do morto na outra vida (CHAUI, 2002, p. 302).

O homem e a mulher nem sempre envelheceram. Eles morriam antes, de várias epidemias, má nutri-

ção ou nos caminhos de busca da glória. Para Duby (1999), somente alguns privilegiados prolongavam sua existência, pois a expectativa de vida das pessoas na Europa Medieval não ultrapassava os 25 anos; era necessário ser mais forte do que os outros para sobreviver. Após lamentações pela perda de sua vida, o moribundo teria de cumprir os rituais que eram de costume daquela época: a despedida de quem tivesse ao seu lado, o pedido de perdão aos comparsas atuantes, e logo em seguida recomendavam-no a Deus.

Conforme Ariès (1977), a própria pessoa tomava algumas medidas prévias e se encarregava de todas as providências necessárias a uma cerimônia fúnebre que fosse pública, aberta a todos que pertenciam à sua comunidade, incluindo as crianças, que também participavam de todos os atos relativos à morte. Eram convidados os parentes, amigos e vizinhos, que não hesitavam em comparecer.

Segundo Duby (1999), a epidemia determinou uma elevação geral do nível de vida. Durante meio século, a peste permaneceu em estado endêmico até que, por volta de 1400, o organismo humano desenvolveu anticorpos que lhe permitiram resistir. Houve também progresso na higiene e, como consequência da elevação do nível de vida, mudanças de hábitos como o uso de roupas íntimas, vestimentas que se lavam. Anteriormente, por volta do ano 1000, homens e mulheres vestiam-se, em grande parte, com peles de animais.

As doenças foram consideradas como uma punição do pecado. Na desordem, procuravam-se responsáveis e bodes expiatórios, e os judeus e os leprosos foram culpabilizados.

Dizia-se que eles tinham envenenado os poços. Houve um desencadeamento de violência contra os que apareciam como os instrumentos de um Deus vingativo, que fustigava suas criaturas lançando sobre elas a doença (DUBY, 1999, p. 89).

Os judeus e os leprosos eram isolados e excluídos da sociedade, separados dos outros, diferenciados por suas vestimentas e pela matraca que agitavam. A rejeição do miserável ou do imigrante já existe, não se pode negá-la. De fato, ela se manifestou na Idade Média, porém mais tarde, no século XIV (DUBY, 1999, p. 46).

A comunidade judaica se especializou em comércio e praticou empréstimos a juros. Nesta época, do século XIV, começou a surgir a grande peste na Europa; os judeus eram considerados inimigos, tratados como responsáveis pela desgraça na população. Esta catástrofe devastadora e assustadora conhecida como a “peste negra”, transmitida essencialmente pelas pulgas e pelos ratos, dizimou um terço da população europeia. Não havia mais madeira para fazer os caixões e o ar viciado propagavam odor terrível; assim, era recomendado queimar ervas aromáticas nas ruas para amenizar o mau cheiro que exalava dos corpos em decomposição. Os homens não questionavam o desaparecimento da espécie humana; estavam certos de que eles estariam em outros lugares, no céu ou no inferno.

3 A OCULTAÇÃO DA MORTE

O mito da imortalidade continua de forma latente na mente de várias pessoas como forma de reencarnação, assegurando o não desaparecimento do mundo, crença esta que motiva diversificados trabalhos científicos. A morte não é um fracasso na vida, mas uma etapa final de todos os seres vivos. "Quando a pessoa se prepara adequadamente para a boa morte, como para qualquer momento da vida, há maior probabilidade de que tudo transcorra bem" (MORAGAS, 1997, p. 245)

A cronologia exata do nascimento da velhice não é tecnicamente declarada. Sobre esta questão, diz Monteiro:

O organismo dos velhos é sempre um organismo em processo de transformação, assim como o de um jovem ou de uma criança. Portanto, não somente os velhos envelhecem... Da concepção à morte, nunca deixamos de envelhecer. Por esse fato, podemos considerar que envelhecer é sinônimo de viver (2001, p. 28-29).

Viver é estar consciente dos movimentos nascentes do corpo que clama por conhecimentos. A saúde, bem como a doença, está localizada no corpo de pessoas específicas e isoladas, tratando-se de um processo individual, ou seja, pertencente exclusivamente a cada pessoa, daí a recomendação de que "a terapêutica deve ser localizada e sempre objetiva, orientada para problemas específicos", afirma Monteiro. Ainda de acordo com ele, "Os distúrbios físicos requerem, portanto, intervenções físicas, porque todo processo patológico é um fenômeno físico e nunca um fenôme-

no biopsicossocial” (MONTEIRO, 2001, p. 71).

O surgimento do enfraquecimento na atividade física é consideravelmente sucessivo e natural nos idosos, porém os lapsos de memória deixam de ser lapsos e tornam-se perturbações. Qualquer parte do corpo que deixa de ser usada atrofia e definha por também ter sido retirada a consciência dessas partes. É necessária a prática da atividade física como resposta de hábito de vida, o que traz um resultado saudável possibilitando a longevidade. O idoso é sempre ambivalente, sabe mais, aprende a economizar o tempo, a desperdiçar menos, porém, cada vez mais, terá saudade do que não pode mais fazer, ainda que tente.

É importante ressaltar os benefícios trazidos pelas diversas áreas do saber, lançando um olhar reflexivo para o estudo da Gerontologia, que proporciona uma compreensão maior em relação ao envelhecimento humano. Este processo natural, dinâmico, progressivo e irreversível instala-se em cada ser humano, desde o seu nascimento, e o acompanha ao longo da vida, culminando com a morte.

A consciência da própria morte é uma importante conquista constitutiva do homem. O homem é determinado pela consciência objetiva de sua mortalidade e por uma subjetividade que busca a imortalidade (KOVÁCS, 2008, p. 29).

Na verdade, não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos... "O problema da morte é sua ameaça incessante a suas vidas" (ELIAS, 1990, p. 11-12).

Entretanto, na nossa sociedade, a noção de morte tem conotação negativa, como nas expressões morto de fome, morto de saudade, morto de cansado, entre outras.

A morte social, segundo Moragas (1997), identificada com a aposentadoria ou perda do papel ativo e econômico, é a passagem para um papel passivo, não somente econômico como também social. Há outras manifestações que restringem os contatos sociais com o exterior: prisão, residência geriátrica, ou a mudança de habitação ou de bairro, com ruptura dos laços sociais habituais.

O nascer e o morrer são acontecimentos biológicos e simbólicos traduzidos por rituais que possuem e fazem sentidos na vida do ser humano.

Viver e morrer são descobertas da finitude humana, de nossa temporalidade e de nossa identidade: uma vida é minha e minha, a morte. Esta, e somente ela, completa o que somos, dizendo o que fomos (CHAUI, 2002, p. 365).

O sabor da morte tem gosto amargo da solidão momentânea, da despedida, da partida, do ir sozinho para um mundo desconhecido, o que, na hora desta viagem, é uma grande saudade do que foi vivido, dos familiares, dos momentos felizes; porém, devemos aprender a partir sozinhos. Quem não aprender a se preparar para morrer terá dificuldade de viver bem.

4 A MORTE NA SOCIEDADE

Fatos importantes da história da civilização ressaltam que a família executava a maioria das funções, que mais tarde passaram a ser atribuídas ao serviço social organizado, amparando os portadores de doenças, crianças e idosos. A família, que era extensa, atualmente é formada basicamente pelo marido, mulher e o mínimo de filhos. Indiretamente, esta família foi atingida pelo processo de industrialização e urbanização, reduzindo a prole, antes tão numerosa, com bastantes filhos, primos, tias e outros. Cabia às filhas o papel de cuidadoras de doentes e idosos, já que a maioria estava presa às obrigações domésticas. Entretanto, a família contemporânea não reúne mais condições para cuidar adequadamente das pessoas idosas. Isso não deriva de má vontade, insensibilidade ou comodismo de seus membros, pois, com todos os problemas de ajustamentos e desajustamentos, dificilmente poderá manter condições de continuar a arcar sozinha ou, em grande parte, com os pesados encargos de cuidar dos doentes e idosos. Estas tarefas deveriam ser repartidas ou transferidas para instituições estaduais, municipais ou outros órgãos competentes.

A unidade familiar deixou de praticar esses cuidados para entregá-los nas mãos de profissionais, já que a família tem sua limitação de conduta. As filhas, que ficavam nos afazeres da casa, modificaram-se, trabalhando para ajudar no sustento da família, cumprindo dupla jornada de trabalho: em casa, fazendo os afazeres domésticos; no trabalho, assumin-

do as atividades e responsabilidades profissionais.

O local da morte era em casa, porém passou para o hospital ou as instituições geriátricas; com isto, a morte distanciou-se e escondeu-se da sociedade. Muitos idosos prefeririam morrer em casa, no calor familiar, a falecer naquele local frio, distante de seus entes queridos.

Depois dos funerais, a saudade permanece no coração dos sobreviventes, como se o morto não tivesse morrido, e sim como se tivesse viajado para um lugar bastante longe, tornando-se memorável.

5 O MEDO DA MORTE

De acordo com Ariès (1977), o homem ocidental já tendia a dar à morte um sentido novo. E a morte passou a ser cada vez mais considerada como uma transgressão que arrebatava o homem de sua vida cotidiana, de sua sociedade racional, de seu trabalho uniforme para lançá-lo em um mundo irracional, sombrio e atormentador.

Contudo, foi durante a segunda metade do século XIX que a morte deixou de ser vista sempre como bela, passando a mostrar os seus aspectos repugnantes, que deram origem ao medo em relação a esse fato. “Esse medo da morte manifestou-se, em seguida, pela repugnância, primeiro, em representar e, depois, em imaginar o morto e seu cadáver [...]”, conforme Ariès (1977, p. 91).

No século XX, a morte como solenidade pública e coletiva transformou-se em algo feio e escondi-

do, deixando de ser doméstica para ser institucionalizada e isolada, principalmente, em um hospital. Já não se morre em casa, rodeado pela família, mas num leito hospitalar, em silêncio e, às vezes, sozinho. Isso sucedeu timidamente nas décadas de 1930 e 1940 e, de modo mais acentuado, a partir de 1950. Logo, há cerca de 60 anos, as atitudes do homem ocidental perante a morte mudaram profundamente. De modo evidente, muitos traços ainda lembram os antigos costumes. Porém, o seu sentido original foi modificado.

A morte causa um temor e terror, da imagem antecipada da morte. Se eu caísse morto aqui e agora sem qualquer dor, isso seria minimamente assustador. Não estaria mais aqui, e conseqüentemente, não sentiria o terror (ELIAS, 2001, p. 53).

O terror é despertado somente pela imagem da morte na consciência dos vivos. Para os mortos, não há temor nem alegria. A morte é o fim absoluto da pessoa, a morte está presente, como deve ser para todas as pessoas.

O medo de morrer junta-se a outros medos, como o da demência, de uma enfermidade definitiva, da perda dos automatismos, das dificuldades para ler, da humilhação suplementar, dos comprimidos antes, depois, durante e, sem contar, das diversas consultas e exames. “Poucas pessoas vivem permanentemente com a inexorabilidade da morte. A recusa em envelhecer revela mais hedonismo conquistador do que angústia que, na noite, nos desperta em um ex-

tremo mal-estar” (OLIEVENSTEIN, 2001, p. 72).

A morte não é terrível; passa-se ao sono e o mundo desaparece; terrível pode ser a dor da perda sofrida pelos vivos, quando morre uma pessoa amada. As pessoas que estão próximas dos moribundos muitas vezes não têm capacidade de confortá-los com a prova de sua afeição, a dificuldade de acariciá-los é muito grande; porém este carinho para o moribundo proporciona uma linda sensação de proteção e tranquilidade na entrega do seu corpo para as providências necessárias.

6 AXIOLOGIA EDUCACIONAL PARA A TERCEIRA IDADE²

As universidades da terceira idade não eram levadas a sério. Pensava-se que a escola só poderia ser benéfica para os mais novos; os velhos não deveriam estudar, logo morreriam, pensavam eles, seria um gasto sem retorno. Atualmente se percebe outro olhar, apesar de alguns acharem que o idoso não tem direito algum.

Na década de 1990, no Brasil, as conquistas começaram a se consolidar na ação das lutas e na mobilização deste segmento, pela reposição e atualização dos valores de suas aposentadorias. Ademais,

² A expressão “Terceira Idade” originou-se na França, no início da década de 1960, com propostas voltadas para os idosos, uma forma de servir e alertar para o crescimento populacional nos países do mundo, tanto nos desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento.

percebe-se que a sociedade brasileira não se interessa com afincos pelos assuntos que dizem respeito aos idosos, com pensões e aposentadorias defasadas, que não cobrem gastos com alimentação e remédios.

A Universidade da Terceira Idade é uma dádiva na sociedade contemporânea, tornando-se um marco importantíssimo, expandindo-se a cada momento em diversas universidades públicas, privadas e outras instituições, oportunizando a esta clientela a inserção em uma educação permanente, na qual o idoso aprimora seus conhecimentos em diversificados cursos e, muitas vezes, consegue obter retorno financeiro dos trabalhos realizados manualmente, acrescentando uma parcela significativa ao seu orçamento diário.

A demanda participativa e atuante das universidades da Terceira Idade apresenta um fluxo maior do sexo feminino; o sexo masculino raramente ultrapassa os 20% dos alunos participantes das atividades. Pode-se falar do significativo sucesso desses programas, articulando de forma substancial projetos educativos e incentivando atividades que objetivam a reconstrução de sua identidade, através de eventos comemorativos, bailes, excursões, atividades físicas e outras propostas. Estas atividades favorecem as possibilidades de ampliação do círculo de amigos, muitas vezes de surgimento de namoros de senhoras e senhores que enviuvaram e encontraram sua nova cara metade dentro da universidade.

A axiologia educacional demonstra a sustentabilidade curricular das aquisições de promoções conquistadas, e as prometidas na lei do idoso, enfatizando uma pedagogia consciente, consistente e

convincente, com o propósito de garantir uma aprendizagem reflexiva, contemplando o exercício pela cidadania e a construção de saberes culturais no processo de grandes transformações. O ser humano apresenta a historicidade da sua conquista pessoal e social, das injustiças sociais inseridas nas diversificadas maneiras de exclusão.

Para a preservação da qualidade de vida e todo o ciclo de gerações envolvidas, a instituição desempenhará formas cabíveis e flexíveis, oportunizando aos discentes descobertas de caminhos adequados para a legitimação da autonomia, objetivando alcançar a melhoria da qualidade de vida e do meio ambiente.

Para a construção de uma vida com qualidade, convém propor-se a aquisição de condutas que gerem conhecimentos, garantindo a capacidade de autonomia na aprendizagem. Segundo Demo (2000), a qualidade sinaliza a perfectibilidade das coisas, esta qualidade adequadamente organizada produz resultados qualitativos.

7 A FINITUDE DA VIDA

O espetáculo da morte não é mais corriqueiro. A vida é mais longa, a morte é adiada. “A sociedade capitalista, centrada na produção, não suporta ver sinais da morte. Os rituais do nosso tempo clamam pelo ocultamento e disfarce da morte” (KOVÁCS, 2008, p. 155). Segundo Moragas (1997), as novas gerações nada aprendem nos livros, nem da própria experiência, sobre o fenômeno do envelhecimento e do falecimento.

A sociedade contemporânea ignora a morte. E o ser humano morre de diversas maneiras, de acordo com o estilo de vida que viveu.

Atualmente o doente recebe os tratamentos médicos mais avançados e cientificamente disponíveis, porém os contatos com as pessoas são reduzidos ou impedidos em hospitais, sempre que possível, considerados inconvenientes para o tratamento racional do paciente. Antigamente os membros da família, vizinhos, amigos se reuniam em torno da pessoa doente, traziam comidas, frutas, remédios, ervas, limpavam o paciente; não existia tanta higiene como atualmente, mas o doente ficava bastante feliz e sentia-se amado. Isso ajudava o moribundo a se despedir publicamente em contexto bastante emocional.

A própria vida social se encarrega de mostrar a proximidade da morte. Isso porque, cada vez menos, ele encontra, em seu ambiente, pessoas de sua faixa etária. Familiares, colegas, vizinhos, amigos contemporâneos já se foram, o que implica duas consequências: primeira, a constatação de que a morte pode estar próxima; segunda, a confirmação de que a velhice tem um componente social quase inexorável, que é a solidão. Esses dois fatores encontram-se associados, na reflexão de Schilpp (apud FRUTUOSO, 1999), quando analisa o processo de envelhecimento. Para ele, “pior do que o medo da morte é o medo de ficar sozinho”. Nesse processo, assinala o terrível silêncio da casa vazia, pela ausência do(a) companheiro(a) de muitos anos, aliado à solidão causada pela morte dos velhos amigos. Bosí (apud FRUTUOSO, 1999), na mesma linha de raciocínio, lembra que muitos idosos são unânimes

em apontar como agravante a dispersão dos filhos, que transferem residência, organizam as próprias vidas e se afastam geograficamente, mesmo quando a ligação afetiva é sólida. De forma paralela, os idosos costumam trazer à tona suas perdas e isolamento, decorrentes da morte dos contemporâneos, sejam parentes ou amigos.

Um dos aspectos a serem examinados é a relação que o idoso estabelece com o tempo. Observa-se uma tendência à perda de perspectivas para o futuro, o que pode tornar o momento presente pouco estimulante, favorecendo, muitas vezes, a supervalorização do passado, como única etapa em que houve realizações.

Por outro lado, por não ter aproveitado as oportunidades que teve durante a juventude, e por haver abandonado seus sonhos, o idoso, muitas vezes, vê o que deixou de fazer, e geralmente se desespera por não ter pensado na finitude da vida. Alguns tentam recuperar o tempo perdido (quando não estão totalmente enfraquecidos e dependentes sobre um leito); outros, infelizmente, se entregam a uma profunda depressão, que pode levá-los mais rápido à morte.

8 O IDOSO E SEUS MEDOS

O idoso, em geral, tem vários medos: de problemas econômicos; de perder o cônjuge e ficar só; de adoecer sem ter quem o auxilie; de ser colocado de lado e esquecido como um objeto que perdeu sua utilidade; da violência, do roubo; da perda da visão ou da audição; da solidão, da possibilidade de ser mandado para

um asilo. A diminuição dos contatos com o mundo exterior faz com que o universo social do idoso se reduza cada vez mais. A maior parte dos amigos já faleceu, ou encontra-se também bastante limitada por enfermidades crônicas ou pelo próprio processo de envelhecimento. Daí a pessoa sentir-se muito solitária. O problema da solidão na velhice é enfrentado de modo distinto, na dependência dos ajustamentos prévios e das várias circunstâncias existenciais de cada indivíduo. Aqueles que jamais se casaram normalmente se ajustam melhor à vida solitária. Se, por outro lado, o indivíduo sempre desfrutou da companhia de outras pessoas significantes, em especial de um cônjuge bem ajustado, o viver sozinho representará um problema de maior magnitude. No entanto, independentemente de viver só ou em companhia de alguém, a pessoa idosa tende a se sentir solitária. Essa solidão quase sempre conduz à depressão, e esta pode contribuir para acelerar o processo de envelhecimento.

O processo de ruptura da capacidade de produzir pode ser iniciado com a aposentadoria. O fato de aposentar-se exerce influência no processo de envelhecimento social, uma vez que pode levar o homem a se isolar do contexto social e, concomitantemente, diminuir seus contatos sociais.

Outro problema que merece atenção diz respeito à família, visto que esta exerce influência significativa no processo de envelhecimento social. A família vem, ao longo dos anos, passando por uma série de transformações que levam à mudança de hábitos e condutas.

A inversão de papéis em função das mudanças de

valores na família torna-se ato comum. Com isto, o idoso acaba por perder seu poder de decisão, o que implica perda de sua autonomia, assim como a perda do poder econômico torna o idoso dependente financeiramente de sua família.

9 EPISTEMOLOGIA DA VIDA E DA MORTE

A esperança de vida subiu e deverá continuar subindo em quase todos os países. Isso se deve ao acentuado declínio, neste século, da mortalidade prematura causada por infecções e doenças crônicas. A pesquisa temática sobre a vida e a morte no ser humano apresenta a historicidade da conquista pessoal e social para preservação da qualidade de vida e todo o ciclo de gerações envolvidas, possibilitando reformulações em todos os campos científicos, educacionais, profissionais da área médica e outros, oportunizando análises de experiências e conhecimentos diversificados de multiprofissionais.

A educação para a morte constitui um dos aspectos mais esquecidos da educação. “A sociedade contemporânea ignora quase tudo sobre a morte, e isto faz com que a tanatologia não tenha grande ressonância, participando mais intensamente da ignorância ou da indiferença que acompanha a gerontologia” (MORAGAS, 1997, p. 243).

É importante ressaltar que a Universidade da Terceira Idade vem contribuindo significativamente para que o contingente de idosos prossiga com uma longevidade qualificada e mais prazerosa, sinalizando a

construção de conhecimentos e articulando também a humanização da realidade e da vida.

Estas Universidades “orientam-se para estimular ou desenvolver atitudes de participação na vida social, econômica, política e cultural [...] através de uma educação permanente.” (FRUTUOSO, 1999, p. 62).

A educação permanente “busca atualizações e, conseqüentemente, o resgate de: auto-estima e auto-imagem; e, num segundo momento, o seu desenvolvimento no processo participativo no meio acadêmico, político e social” (SILVA, 2003, p. 32).

Para chegar à tão almejada qualidade de vida, é preciso a aproximação do processo de conhecimento educativo e da façanha de ser participativo, criativo na construção histórica do país, lutando por seus direitos e conquista de novos objetivos e metas, garantindo um patrimônio e futuro melhor para a sociedade em que vivemos. Segundo Demo (2000), a propedêutica da qualidade aponta para competência humana de aprender a aprender e saber pensar demonstrando que a educação não se esgota, pois é um processo maior que tudo e, além de humanizar conhecimento, aprimora o seu modo de viver com mais entusiasmo.

Esta nova perspectiva de viver buscando esta ampliação de conhecimentos oportuniza a redescoberta de seu potencial, recupera sua autoestima e absorve melhor compreensão do mundo em que se vive, obtendo, desta forma, uma qualidade de vida bastante significativa e uma morte feliz.

REFERÊNCIAS

- ARIES, Philippe. **História da morte no ocidente**. Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- _____. **O homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOTH, Agostinho. **Gerontologia**: educação e longevidade. Passo Fundo, RS: Imperial, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- DUBY, Georges (org.). **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. Tradução de Eugênio Michael da Silva et al. São Paulo: UNESP, 1999.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- _____. **Educação e qualidade**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2001.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FRUTUOSO, Dina. **A terceira idade na universidade**: relacionamento entre gerações no terceiro milênio. Rio de Janeiro: Agora, 1999.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. 5. ed. rev. atual. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 2008.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução de Paulo Menezes. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer**: histórias, encontros, transformações. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAGAS, Ricardo M. **Gerontologia social**: envelhecimento e qualidade de vida. Tradução de Nara C. Rodrigues. São Paulo: Paulinas, 1997.

OLIEVENSTEIN, Claude. **O nascimento da velhice**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: Universidade do Sagrado Coração, 2001.

SILVA Brandão, Juliana da; SILVA, Marlene Dierschnabel da; REBELO, Rosana Andrade (org.). **A Vida na Maturidade**: uma contribuição à educação permanente. Blumenau: Nova Letra, 2003.

LIFE AND DEATH: AN EDUCATION FOR LONGEVITY

Abstract. This work aims at articulating aging historicity, especially emphasizing human beings' finiteness, showing the simplicity of this final life stage, which frightens and panics most people. It is proposed an education with continuous activity throughout life, providing a recycling of cultural updating and a better understanding of the world you live in, learning to prepare for finiteness. Death is a process that results in moment, as to love, live and dream, yet the conjugation of the verb to die represents the closing of the book, of the history that you lived, sometimes beautiful and full of lived sto-

ries, some opaque and some sad ones, however, it is you who build and rebuild your life history to be told and remembered after your death. Literature points out human Beings historicity and the acquisition of significant and continuous losses, favoring reflection on the final stage of human existence. This article will contribute with regard to learning how to get old, and to emphasize that living is a means of transformation, nevertheless existence through death is always crucial to our understanding and to our great admiration for life.

Keywords: Education. Life. Death. Longevity.

Recebido em fevereiro de 2010

Aprovado em abril de 2010